
ARTIGOS

Persp. Teol. 17 (1985) 9-27

A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

J. B. Libânio S.J.

A Escatologia é sempre um tema mordente. Quando a Igreja tridentina se entregou à gigantesca empresa de elevar o nível espiritual de uma Europa saída da Idade Média menos cristã que se julgava, lançou mão do grande recurso da pregação ameaçadora dos Novíssimos¹.

Quando em certos rincões a Teologia parecia sem futuro, brota como fonte renovadora a Teologia do Futuro². A Escatologia é seiva que revitaliza.

A Escatologia torna-se cada vez menos um estudo das últimas realidades, para ser cada vez mais o estudo do Último de todas as realidades. Trata menos dos "eschata", para ater-se ao "Eschaton". Assim o nosso tema da Ressurreição dos mortos deixa de ser um tema particular entre os diferentes novíssimos para tornar-se o acontecer do Futuro Absoluto de Deus em relação à totalidade do homem e do mundo.

Este trabalho quer ser didático com alguns enfoques mais próprios de um teólogo da periferia sul. Propomo-nos tratar de três pontos. Primeiro, os dados imprescindíveis da Revelação sobre a Escatologia, que qualquer marco interpretativo deve levar em consideração e ser-lhes fiel. Num segundo momento, tendo tais elementos diante dos olhos, passaremos em revista alguns quadros interpretativos, para ver quais se apresentam como teologicamente inaceitáveis ou insuficientes ou teologicamente aceitáveis. E à guisa de conclusão, tecerei algumas considerações a partir do lugar de periferia, de cativoiro mas também de dentro de experiências libertárias, em que se situa a teologia latino-americana.

(1) J. DELUMEAU, *Le Catholicisme entre Luther et Voltaire* (Col. Nouvelle Clio 30 bis), PUF, Paris 1971, pp. 256ss.

(2) J. MOLTMANN, *Theologie der Hoffnung*, Ch. Kaiser/Verlag, München 1966, pp. 11ss.

I. DADOS IMPRESCINDÍVEIS DA FÉ

Propusemo-nos como uma primeira tarefa teórica destacar os dados da Revelação sobre a Ressurreição dos Mortos, que nos parecem imprescindíveis. Será possível distinguir o núcleo do objeto de nossa fé e os esquemas interpretativos? O primeiro gozaria da credibilidade infalível, assegurada pelo Espírito Santo. Os outros participariam da fragilidade do esforço intelectual de cada época cultural, que criou tal esquema.

Dado e interpretação

Duas posições extremas parecem não dar conta do real, portanto estão equivocadas ou ao menos são insatisfatórias. Destilar da tradição da Igreja, o dado primogêneo, quimicamente puro, da Revelação de Deus.

Teríamos então o dado da fé. Todo o resto seria interpretação. Não existe dado puro. Todo dado é interpretado. O próprio termo "dado" nos sugere etimologicamente a idéia de que alguém o colocou, o "deu", portanto deu-lhe um significado, interpretou-o.

Outro extremo também é falso. A interpretação e o dado se ligam de tal maneira, que qualquer outra interpretação já não mantém relação com a anterior. O dado se perde, ao ser re-interpretado.

De fato, acontece ao longo da nossa compreensão teológica de uma verdade revelada, que, em dado momento, ela aparece numa unidade indivisível: verdade e formulação, dado e esquema interpretativo, sentido e imagem, a "Sache" e o quadro cultural³. Na medida, porém, em que um marco intelectual, cultural caduca, entra em colapso, perde sua vigência, conseguimos perceber naquela unidade anterior um dado resgatável por nós dentro de nosso quadro atual. Esse "dado resgatável" reaparecerá noutro quadro e não em grau puro. Mas o quadro cultural anterior é percebido na sua fragilidade e portanto na sua não-obrigatoriedade de fé.

Enquanto não se percebeu a superação cultural do quadro intelectual, a exigência da fé atinge a ambos, ao dado e sua expressão. E uma rejeição do marco cultural envolve consigo a do dado da fé. É tarefa difícil desligar esse dado de revelação do marco intelectual, pois tem-se que perceber a distinção entre uma relação de necessidade intrínseca do dado revelado e sua expressão, e uma necessidade lógica. A necessidade intrínseca é insuperável, enquanto que a necessidade lógica pode

(3) K. RAHNER, *La Risurrezione della carne*, in: K. RAHNER, *Saggi di antropologia soprannaturale*, Ed. Paoline, Roma 1969, 2ª ed., p. 452.

ser substituída por outra⁴. O processo interpretativo é ameaçado por três riscos: deixar perder algum elemento da Revelação, ou inserir como Revelação algum elemento estranho, ou finalmente captar o elemento revelado de modo deturpado.

De outra maneira, podemos formular a tarefa hermêutica dentro de um triângulo: texto, contexto e pré-texto⁵. O texto seria o dado. O contexto a situação eclesial de fé em que tal dado é acolhido, entendido. O pré-texto é a situação sócio-político cultural da comunidade de fé. O sentido da verdade de fé surge dessa tríplice relação. As variações no pré-texto e contexto permitem-nos ver como um mesmo texto recebeu diferentes sentidos, sem contudo violentar o sentido radical. Esse sentido radical é o cerne da Revelação e que não pode perder-se em nenhum contexto ou pré-texto, que vão criando sempre novos textos.

Os dois inimigos da hermenêutica são o fixismo e a arbitrariedade. O fixismo apóia-se na repetição material, que pode ser tão herética como a modificação arbitrária do sentido⁶. É desrespeitoso à consciência dos fiéis, seja impor-lhe a fixidez literária, o suporte lingüístico já desprovido de sentido na repetição material de suas palavras, como forjar arbitrariamente não importa qual interpretação.

Evidentemente nessa empresa interpretativa, a última garantia não nos vem de nossas filosofias ou da acribia lingüística, mas da presença do Espírito Santo, que está na origem dos textos e acompanha a Igreja — hierarcas, teólogos, simples fiéis — ao longo da história para a correta intelecção dos textos, da Revelação⁷.

Nesse sentido, entende-se a preocupação da Congregação para a Doutrina da Fé a respeito da fidelidade devida às verdades fundamentais da fé. Assim, escrevendo uma Carta aos Presidentes das Conferências Episcopais sobre algumas questões referentes à Escatologia, alerta a dita Congregação para o perigo da "lenta corrupção e progressiva dissolução de algum elemento do Símbolo batismal", por causa das discussões teológicas sobre questões da fé, cujo objeto e peso o povo não percebe bem exatamente. Sente-se perturbado quando não encontra nas explicações dos teólogos sobre as verdades do Símbolo da fé aquelas noções familiares, aquele modo comum de falar. Noutras palavras, o afã de interpretar

(4) E. H. SCHILLEBEECKX, *La Presencia de Cristo en la Eucaristía*, Madrid 1968, p. 52.

(5) C. MESTERS, *A brisa leve, uma nova leitura da Bíblia*, em: *SEDOC* 11 (1979) n. 118, col. 733-765.

(6) E. H. SCHILLEBEECKX, *o.c.*, p. 25.

(7) Z. ALSZEGHY — M. FLICK, *Lo sviluppo del dogma cattolico* (Giornale di teologia n. 10), Ed. Queriniana, Brescia 1967, p. 89-93.

as verdades da fé e da salvação para novo contexto cultural e em profundas modificações pode deturpá-las⁸.

A fim de obviar tais percalços, cremos importante colocar, no início de uma discussão sobre a temática da "ressurreição dos mortos", aqueles pontos indiscutíveis e que qualquer esquema interpretativo não pode deixar cair.

Indicação dos dados imprescindíveis

Num esforço de clareza, tentaremos formular de diversas maneiras aqueles dados que conseguimos perceber como indiscutíveis, imprescindíveis para a fidelidade de nossa fé à Revelação de Deus, quando professamos no Credo que cremos na "ressurreição dos mortos". Que queremos dizer com esse artigo de nossa fé, que deve aparecer em qualquer esquema interpretativo?

A própria Carta da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé pode oferecer-nos uma versão desse núcleo. A certa altura, lemos que os fiéis cristãos devem reter firmemente esses dois pontos essenciais:

1. existe uma continuidade fundamental, por força do Espírito Santo, entre a presente vida em Cristo e a vida futura;
2. a situação desta vida e a da futura diferem entre si grandemente (valde)⁹.

Temos, pois, ditos de modo positivo dois dados julgados essenciais a respeito da "vida eterna", da "ressurreição dos mortos", enquanto destino último do homem: a continuidade e a descontinuidade de nossa vida. A continuidade no sentido de que essa nossa vida não se perde no nada, mas continua na vida eterna. A descontinuidade, no sentido de que são situações diferentes, como a condição da fé e a condição da plena luz, onde estaremos com Jesus, veremos a Deus (1 Jo 3,2).

Mais diretamente sobre a "ressurreição dos mortos", podemos distinguir aqueles que são diretamente teológicos e aqueles de natureza antropológica, mas decorrentes da Revelação.

Com a "ressurreição dos mortos" queremos dizer que:

- a. o homem todo chega a sua plenitude de perfeição; portanto na sua dupla dimensão de ser espiritual-material, corpo e alma;
- b. há uma identidade de pessoa entre o ser humano que viveu a história terrestre e que ressuscitará;
- c. a plenitude do homem não se alcança ainda na morte, mas no final dos tempos;

(8) *Acta Apostolicae Sedis* 71(1979) n. 9, pp. 939-943.

(9) *AAS, loc. cit., p. 942.*

-
- d. é Deus que concede ao homem, a seu corpo e a sua alma, a vida eterna;
 - f. da glorificação plena do homem participará também o mundo material;
 - g. já imediatamente depois da morte, o ser humano pode estar vivo com Deus, com seu "eu pessoal", dotado de consciência e liberdade¹⁰.

Esses mesmos dados podemos formulá-los de modo negativo para ficar mais claro o que queremos afirmar. Não se pode aceitar:

- a. a existência do homem termina no nada;
- b. a individualidade do homem perde-se no anonimato de algum Espírito ou se dilui na história, que conserva unicamente sua memória, sua marca;
- c. com a morte o homem perde definitivamente sua materialidade, conservando unicamente sua parte espiritual, que nunca se unirá de novo à matéria;
- d. a imortalidade do homem é devido à sua natureza, e em virtude dela gozará plenamente do reino puro da contemplação do bem, da verdade, etc.;
- e. o mundo dos homens na sua materialidade está destinado ao nada.

Ora, quem assumir alguma das afirmações acima elencadas, contradiz ao núcleo mesmo da Revelação. Assim nenhum esquema interpretativo pode, ou não dar conta do núcleo da fé, ou incluir algum dos pontos contraditórios à fé.

Numa palavra, podemos dizer que o núcleo da fé é "crer na vida eterna" que está em continuidade e descontinuidade com essa nossa vida. E o homem na sua totalidade pessoal e histórica participará desta vida eterna, por obra do Espírito de Deus. Vida que aconteceu já em plenitude em Jesus Cristo ressuscitado e de cuja ressurreição todos — seres humanos e cosmos — participaremos "in aeternum".

Esses dados teológicos fazem suas exigências à antropologia. Alguns elementos a respeito da compreensão do ser humano se impõem a partir da Revelação. O dado central da Revelação em relação à antropologia não é somente o fato da criação do homem por Deus, mas sobretudo o mistério da Encarnação do Verbo divino. Esse duplo dado revelado postula para o ser humano:

- a. núcleo pessoal insubstituível, indestrutível na sua consciência e liberdade;

(10) K. RAHNER, *art. cit.*, p. 456.

- b. relação intrínseca, essencial entre matéria e espírito, de modo que um espírito desencarnado já não é ser humano;
- c. o destino do homem está ligado ao destino dos outros homens e do mundo; homem é ser pessoal individual e social.

De modo negativo, podemos dizer que não satisfaz ao mínimo antropológico exigido pelos dados da Revelação, quem afirme:

- a. a pessoa humana perde sua identidade na história ou no além;
- b. a pessoa humana pode reincarnar-se em outros corpos, em sucessivas fases purificadoras;
- c. a pessoa humana se identifica com sua parte espiritual;
- d. a pessoa humana é absolutamente individual.

Diante, pois, desses dados teológicos e antropológicos necessários, imprescindíveis, que esquemas representativos tem a teologia encontrado para dar-lhe unidade, sistematização inteligível, coerência lógica, contemporaneidade com o modo de pensar dos homens? No limite de pequeno artigo, não podemos passar em revista todos esses esquemas. Indicaremos alguns mais importantes e que estão no centro dos debates. E veremos que é um debate muito mais relevante e pertinente nos meios letrados e socialmente bem estabelecidos. E que dizer disso, quando nos colocamos nas fronteiras populares e carentes de um Continente?

II. ESQUEMAS INTERPRETATIVOS

Os esquemas interpretativos buscam integrar coerentemente os dados revelados a partir de determinada antropologia, que se elabora com os dados das ciências e da filosofia. Por isso, a evolução das ciências e o caminhar do pensamento filosófico vão permitindo sempre novos marcos, quadros representativos, onde os elementos da fé encontram *uma coerência lógica satisfatória* — em relação à fé e à razão.

Marcos inaceitáveis

Em relação à interpretação dos dados da fé referentes à ressurreição dos mortos, três esquemas interpretativos revelam-se inaceitáveis. Propriamente nem são interpretação da Revelação. São outra proposta diferente, que implica uma visão do homem e de seu destino em oposição à oferecida na tradição cristã.

A proposta materialista ganha ampla cidadania em meios intelectuais, de jovens universitários e de militantes políticos, além de certos setores operários de países desenvolvidos. O homem morre todo. De sua identidade pessoal, única e inconfundível, nada permanecerá. Perde-

se na história, na causa em marcha, na construção da sociedade, na pátria da identidade, que vai surgindo de nossas lutas, transformações.

A nossa obra é o nosso futuro. Seremos o que deixarmos de nós mesmos, como marca da história, como sinete incrustado na massa moldável do mundo dos homens. Morremos e não morreremos. Morremos, porque não seremos mais indivíduo personalizado, identificável com este mesmo que uniu ao longo de uma existência a série díspar de atos. Morremos, porque este "eu", centro unificador de nossas ações, emoções, pensamentos, desejos, aspirações, deixará de existir. Não morreremos, porque somos as relações com os outros, com o mundo, com as nossas utopias. E os outros continuarão depois de nós, o mundo seguirá sua trajetória marcado por nossa pequena mas real pegada, as "utopias" vão se transformando em "topias", em acontecimentos.

A "vida eterna" é a série indefinida de possíveis mundos, galáxias, sociedades, que surgem, desaparecem, tornam a surgir e a desaparecer, sem que se possa pensar nem imaginar um fim total. Pois sempre novos mundos podem surgir. Ressuscitaremos na matéria que continua, na vida que brota, segundo a lei do acaso e da necessidade. De outra ressurreição não necessitamos. Os "espíritos fortes" não temem o encontro com seu desaparecimento total individual, pois acreditam numa história maior que eles. Não se permitem a consolação ilusória, a alienação tranquilizante de uma vida eterna beata, como muleta para assumir responsabilmente sua história, seus compromissos.

A proposta materialista soa com toques-de heroísmo, diante de uma proposta cristã consoladora dos fracos e dos inseguros. Num mundo em que a Psicologia tem desmascarado os mecanismos de fuga, de defesa, de projeção, como formas de alienação diante do medo à responsabilidade, à liberdade, a interpretação materialista da escatologia não deixa de ter sua força. Provavelmente, os autores da Carta expedida pela Congregação para a Doutrina da Fé sobre a Escatologia pensavam nesse tipo de argumentação que tem confundido os cristãos simples. Com não menor vigor, a Sociologia desenvolveu uma crítica à Religião, que se refere sobretudo aos aspectos escatológicos da mesma. Por isso, é uma posição que vige de preferência em meios sofisticados culturalmente e abastados materialmente, estranha às camadas populares e carentes.

Por outro lado, há uma *posição animista* que reina sobretudo nos meios populares, sem desconhecer também certa forma mais elaborada. O homem é fundamentalmente alma. O corpo destinado à morte deixa a alma desprender-se, para novas reencarnações. Predomina facilmente na mente de amplos segmentos populares uma compreensão de vida eterna, como contínuo peregrinar de almas, em etapas purificadoras, nas sucessivas encarnações. A concepção animista é pouco capaz de aná-

lises, apenas distinguindo o visível do invisível, a parte do todo, a imagem da coisa figurada¹¹. Por isso, o mundo terrestre para tal mentalidade está povoado de espíritos, de forças sobrenaturais. E as almas dos mortos ocupam lugar preeminente, sejam aquelas dos condenados com suas ameaças, mas sobretudo as "almas penadas". Almas de pessoas que fizeram promessas e morreram antes de cumpri-las. Não encontram paz enquanto alguém não cumpra tais promessas. Daí sua insistência em vir à terra, para mobilizar os vivos em vista de liberá-las das penas.

Essa mentalidade possui uma antropologia primitiva em que o corpo não passa de uma carcaça, "que não vale nada, que é estrume para a terra, pois ela é quem vai comer a gente"¹². Uma ressurreição do corpo está fora do alcance. Por outro lado, a alma imortal, separada, é uma verdade básica, entendida de modo extremamente imaginativo, mítico.

Em íntima relação com esse "mundo das almas", atormenta os fiéis simples o não menos maravilhoso e mágico universo dos espíritos maus, dos demônios. Estão eles em plena atividade na terra. Várias afirmações que J. Delumeau faz sobre o catolicismo europeu antes do esforço de tridentinização vale ainda de nossos meios¹³. Satã é alguém que conhece os segredos da natureza. É quase como um "deus do mal". Assim um escrito de 1581 apresenta-nos Satã como um chefe que tem sob seu comando 72 chefes e 7.405.920 demônios¹⁴. Impressiona a exatidão com que dizem o número de demônios.

O horizonte animista dista enormemente da concepção cristã da ressurreição dos mortos. Contradi-la radicalmente com o desconhecimento ou mesmo negação da participação do corpo na glorificação, com a atribuição à alma de autonomia e movimento alheios à vontade de Deus, com a possibilidade de outras reencarnações em detrimento da unicidade pessoal.

Marcos insuficientes

Com a morte e ressurreição de Jesus, Deus revelou o verdadeiro sentido do "eschaton". Nesse momento, havia dois esquemas representativos importantes, que se impunham nas regiões em que o Cristianismo vai desenvolver-se: o semita e o grego. Se os tomarmos em grau puro, eles não conseguem dar conta da novidade do dado escatológico da

(11) J. DELUMEAU, *o. c.*, p. 240.

(12) *Curso de Teologia. Experiência no Seminário Regional do Nordeste. Recife*, sob a direção de J. Comblin, ad instar manuscripti, Recife 1969, vol. I p. 77.

(13) J. DELUMEAU, *o. c.*, p. 252.

(14) J. DELUMEAU, *o. c.*, p. 254.

ressurreição de Jesus. Vejamos.

H. Küng resume claramente o *esquema representativo grego* ao tratar da ressurreição dos mortos¹⁵. O princípio da imortalidade é a alma, por natureza imortal e divina. Durante a vida terrestre vive encarcerada no corpo e com a morte liberta-se dele, voltando à sua pátria natural: contemplar a idéia de Bem e de Verdade. A imortalidade da alma, como observa com perspicácia J. Ratzinger, não é uma solução para "parte do homem". Mas é uma resposta de totalidade¹⁶. Pois o homem é alma imortal e tem um corpo. A alma é sua essência e o corpo um acidente. A continuidade de existência é garantida pela alma, por sua natureza e não por dom de Deus. E o corpo não participará nunca nessa pervivência do ser humano, porque este é, na verdade, sua alma.

Evidentemente esse esquema permite explicar dois elementos fundamentais da Revelação: a existência de uma vida eterna e a identidade do eu. Uma vez que nosso "eu" é nossa alma, e ela é imortal, também esse "eu" continuará eternamente. Está salva nossa pervivência idêntica na eternidade.

Por sua vez, tal marco intelectual não consegue dar conta de dois outros dados também fundamentais da fé. Estes explodem tal esquema. A eternidade é dom de Deus e não conseqüência natural de uma alma divina, imortal e de certa maneira já eterna por essência. Mas é o fato da Encarnação do Verbo divino e a sua ressurreição que fazem implodir tal mentalidade. A Encarnação do Filho não é uma presença do divino doteicamente entre nós. O Verbo se fez "verdadeiro homem", assumiu nossa carne para sempre. E a ressurreição é a glorificação dessa carne. A matéria entra na definitividade de Deus. Ela não é um cárcere da alma, mas constitui com ela uma unidade indissolúvel, substancial.

O *esquema semita*, em que a própria Revelação se fez, se viu superado por ela. Isso revela precisamente como a Palavra de Deus é maior que os esquemas culturais. Mesmo fazendo-se dentro de um esquema, supera-o no ato de revelar-se. De fato, o esquema semita concebe o homem numa unidade indissolúvel. Com a morte, todo o homem se desfaz. Nada sobra dele por sua própria natureza. A vida lhe vem de Deus. E só Ele pode restituir-lha.

Assim com a morte o homem vai para o "sheol", onde fica à espera de que Deus o chame à vida, o ressuscite. A vida no "sheol", na mansão dos mortos, é obscura, semi-humana, semiconscente. Vida de espera. O marco semita oscila, ora reduzindo-a a quase nada, ora atri-

(15) H. KÜNG, *Ewiges Leben?* Piper Verlag, München - Zürich 1982, p. 100.

(16) J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, trad. bras., Herder, São Paulo 1970, p. 301.

buindo-lhe alguma atividade. Caracteriza-se, porém, pela passividade e pela espera do dia da ressurreição. Esse último passo só foi dado bem mais tarde, já nos dois últimos séculos antes de Cristo, com o Livro dos Macabeus por ocasião da rebelião contra a poderosa helenização dos judeus, imposta pelo Selêucida Antíoco IV Epífanes¹⁷.

Esse marco semita parecia dar realmente conta de todos os elementos da Revelação. Assim o grande teólogo da ressurreição, São Paulo, escrevia a seus irmãos de Tessalônica, de Corinto e de outras igrejas anunciando a esperança na nossa ressurreição, precisamente porque Jesus Cristo ressuscitou. Já não era simplesmente uma continuidade com a fé expressa pelos irmãos Macabeus. Era nova compreensão a partir do mistério de Jesus. Paulo expressava no marco semita os elementos fundamentais da Revelação sobre a ressurreição: a gratuidade de Deus, a identidade pessoal, a vida eterna. Ressuscitaremos pela força de Deus, gratuitamente. Seremos nós mesmos com esse mesmo corpo, como a árvore é idêntica à semente. Semeamos a corrupção, e colheremos um "corpo incorruptível", semeamos a ignomínia e colheremos a glória, semeamos a fraqueza e colheremos a força, semearemos um corpo mortal e colheremos um corpo glorioso (1 Co 15, 42-44).

Enquanto Paulo vivia na iminência da segunda vinda gloriosa de Jesus, não se punha o problema da sorte dos cristãos que iam morrendo depois da ressurreição de Jesus. Pois em breve estariam todos ressuscitados juntamente com os vivos, que seriam transformados nesse encontro final com Jesus. Paulo exprime a esperança de assistir a esse final glorioso do mundo (1 Co 15, 51-52).

Com o passar do tempo modifica a sua expectativa (2 Co 5, 1-10). Ele irá antes de o Senhor vir consumir a história (Fl 1, 20-23; 3, 20). Que passa então entre esse tempo da ressurreição final e a morte? Com o esquema semita tradicional deveria responder que o morto ficaria no "sheol", na mansão dos mortos, à espera da Parusia. Entretanto, a forte experiência que Paulo teve do Cristo glorioso leva-o a pensar diferentemente. É possível morrer e já antes da ressurreição "estar com Cristo" (Fl 1, 23). Paulo deixa, no fundo, esse dado novo, sem inseri-lo coerentemente no esquema semita, que não consegue, tal qual era concebido, entendê-lo.

Não vamos entrar nos meandros das discussões exegéticas, para ver se Paulo começou com um quadro semita seu ensinamento sobre a ressurreição, evoluindo mais tarde para categorias helenísticas¹⁸. Para

(17) H. KÜNG, *o. c.*, p. 113; J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *La otra dimensión. Escatología cristiana*, Madrid 1975, p. 96s.

(18) J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *o. c.*, p. 368ss.

nossa reflexão, o resultado dessa discussão não influi decisivamente. Pois, se Paulo manteve o esquema semita todo o tempo, o dado de "estar com Cristo glorioso" antes da ressurreição final é, de certa maneira, corpo estranho a tal esquema e prova sua insuficiência. Se Paulo busca categoria helenística para explicar esse fato da morte do cristão antes da ressurreição, também mostra a mesma coisa: não conseguiu categoria semita para entendê-lo.

Por isso, podemos dizer que o marco cultural semita tradicional da dormição, da descida ao "sheol" na expectativa da ressurreição final não consegue incorporar o dado novo da vida do cristão com Cristo glorioso logo depois de sua morte.

Marcos plausíveis

A atual teologia católica apresenta dois principais quadros explicativos plausíveis, que parecem dar conta suficientemente de todos os dados revelados. Naturalmente, cada um tem seus problemas, mais filosóficos que teológicos. Ou melhor, ao marco intelectual da "alma separada e ressurreição final dos corpos" se objetam dificuldades de natureza científica e filosófica. Ao outro esquema da "ressurreição na hora da morte", os problemas vêm, não diretamente dos dados escatológicos, mas de outras partes da teologia.

O esquema da conjugação da alma separada com a ressurreição final dos corpos.

Esse marco interpretativo é o mais comum na teologia católica tradicional. Goza de enorme credibilidade oficial até nossos dias. Assim Paulo VI no "Credo do Povo de Deus" repete explicitamente: "cremos que as almas de todos aqueles que morrem na graça de Cristo, quer se devam ainda purificar no Purgatório, quer sejam recebidas por Jesus no Paraíso, no mesmo instante em que deixam os seus corpos, como sucedeu com o Bom Ladrão, formam o povo de Deus, para além da morte, a que será definitivamente vencida no dia da Ressurreição, em que estas almas se reunirão aos seus corpos"¹⁹.

Insistindo nessa mesma posição, a Carta da Congregação para a Doutrina da Fé aos Presidentes das Conferências Episcopais de 17 de maio de 1979 relembra que a Igreja afirma a continuidade e a subsistência, depois da morte, do elemento espiritual, dotado de consciência e vontade, de tal modo que o "eu humano" subsiste carente entretanto nesse interim de seu corpo. E para designar tal elemento espiritual usa a

(19) Paulo VI, *O Credo do Povo de Deus* (Doc. Pont. 177), Ed. Vozes, Petrópolis 1969, p. 13.

palavra "alma", instrumento verbal necessário para sustentar a fé dos fiéis²⁰.

O valor de tal marco advém de tentar uma síntese entre os dois marcos clássicos anteriores, semita e grego. Não assume nenhum deles na sua pureza. Corrige-os para melhor responder às exigências da Revelação. Assim retém do quadro semita, a valorização do corpo, a identidade da pessoa corpóreo-espiritual, a gratuidade da ação de Deus que dá vida ao ser humano para além da morte. Corrige, porém, a idéia confusa de uma vida semiconsciente, obscura no "sheol", a modo de uma "dormitio", na expectativa da ressurreição final. Para isso, recorre à antropologia grega, pede-lhe emprestado o conceito de alma, substância espiritual, dotada de consciência e vontade, mesmo sem o corpo. Por sua vez, ela garantiria a identidade da ressurreição final desse mesmo corpo, neste interim reduzido a um aglomerado de moléculas químicas. Corrige-o, porém, não a concebendo pré-existente, divina, mas criada simultaneamente com o corpo e mantendo com esse uma relação toda especial, transcendental, mesmo depois de separada. Portanto, a alma separada não é "puro espírito", pois retém uma relação com a matéria.

Nele também aparecia mais claro o sentido da diferença da situação de Jesus, Maria e nós, depois da morte. Eles estariam com corpo e alma glorificados, e nós, somente com nossa alma na beatitude à espera da complementação da ressurreição do corpo. Facilita entender a doutrina do Purgatório, as indulgências, as orações pelos mortos, já que esta alma separada pode demorar no processo de purificação — para cujo "tempo" nossas orações, missas, ritos litúrgicos são uma ajuda.

Por ser um marco intelectual bastante completo, coerente, com lógica interna, complexivo, conseguindo realmente interpretar inteligentemente os inúmeros dados teológicos em questão, gozou e ainda goza de enorme aceitação na Igreja.

As críticas foram crescendo à medida que o pensamento moderno, fortemente alimentado pelas ciências naturais e humanas, começou a desconfiar de toda síntese filosófico-teológica de certo modo "dualista". As críticas, portanto, vieram, não diretamente da Teologia, mas de outros campos do saber. Teologicamente havia também reparos. Por mais que se falasse da "ressurreição dos corpos", ela ficava obnubilada pela "visão beatífica" logo após a morte. A ressurreição dos corpos vinha como uma complementação accidental à beatitude já alcançada pela alma.

Para obviar essas questões elaborou-se outro esquema interpretativo, que poderia ser chamado de "ressurreição na hora da morte". Ele

(20) AAS, loc. cit., p. 941.

é, por ele mesmo, já uma crítica ao anterior, por isso nos dispensamos de fazê-la aqui. Basta ver como tal esquema se constrói, que se vai percebendo que pontos do esquema da "alma separada" são colocados em tela de juízo.

Ressurreição na hora da morte

O fato da evolução e sua correspondente teoria marca profundamente a mentalidade moderna, sobretudo através da vulgarização das teorias darwinistas. No seio da Igreja, Teilhard de Chardin é um dos principais propugnadores desse modo de pensar. Tenta traçar as leis que regem a evolução. Observa como na natureza os seres evoluem segundo a "lei da complexificação". O tecido do universo evolui criando formas cada vez mais complexas, heterogêneas, mas organizadas em sua pluralidade. Mas doutro lado, acontece um outro movimento: a lei da interiorização ou conscientização. Quanto mais complexo é um corpo, maior poderia ser sua dispersão. Processa-se o inverso. À complexificação, segue-se a concentração, a centração, o crescimento de consciência, de um ponto de coesão, de união, de identidade. O grau de conscientização, de interioridade das coisas está na proporção direta do grau de complexificação das mesmas. A consciência está intimamente ligada à complexificação.

De certo modo, o homem é o término dessa evolução. Nele temos portanto a complexidade material atingindo tal grau que ela é consciente, espiritual. Matéria e espírito são duas faces de um mesmo fenômeno. O espírito não é um epifenômeno ou metafenômeno, mas o estado superior que assumiu em nós o "tecido do Universo", o que os cientistas chamam de matéria²¹.

Dentro dessa concepção evolucionista, o homem como matéria-espiritual, ou como espírito-em-matéria aparece em tal unidade que já não se consegue mais pensar a morte como separação de alma e corpo. Esses dados da teoria evolucionista implodem o esquema da "alma separada". O homem surge como ponto mais alto dum processo evolutivo, que vai do próton até a matéria extremamente complexificada e consciente. Na concepção teilhardiana, a evolução não é vista como um processo lento, gradual, contínuo, mas tem saltos, descontinuidades. É um salto que não se explica por uma intervenção de fora, que rompesse essa profunda unidade do homem.

Nesse horizonte evolutivo de matriz teilhardiana, a morte é vista

(21) P. DALLE NOGARE, *Pessoa e Amor segundo Teilhard de Chardin*, Ed. Herder, São Paulo 1970, p. 10ss.

como o momento em que tal evolução chega ao máximo. Explode a totalidade da vida, a concentração chega a sua plenitude. Não temos uma "alma que separe" do corpo, mas a totalidade do ser humano que entra numa nova fase de plenitude. Temos uma "ressurreição na morte".

Até então tínhamos uma vida humana, terrestre, cujo último centro era certamente Deus. Mas a relação com ele se fazia na mediação de uma corporeidade bioquimicamente constituída. O relacionamento com Deus e com os irmãos passava necessariamente pelas coordenadas de tempo e espaço, condição imprescindível dessa corporeidade.

Com a morte, tal corporeidade se desfaz. Já não é mais um corpo. Temos um aglomerado disforme de moléculas químicas em decomposição, em novas reações. Pelo dom de Deus da vida, a vida que eclode na morte tem agora sua raiz em Deus de maneira imediata. O limite das relações ligadas a tempo e espaço desaparece. Surge uma relação pancósmica, pancrônica. O homem vive pela força de Deus, participa de uma vida que não se limita mais pelas coordenadas, temporal e espacial. Ora, essa condição é do homem como totalidade. Não é uma parte dele — a alma separada. Mas é o homem na sua totalidade, pois foi o único que sempre existiu, apesar de todas as mudanças de sua matéria ao longo de sua vida terrestre.

Assim como ele conservou uma unidade fundamental corpóreo-espiritual por toda a sua vida, pese as transformações materiais, assim essa unidade agora persiste como dom do Deus da vida.

Com isso, retemos os dados fundamentais da Revelação. A vida eterna existe e é dom de Deus. O mesmo homem — que na terra viveu — é o que participa dela. Sua matéria também participa dessa glorificação.

Como conciliar então com a clássica fórmula dogmática da "ressurreição dos mortos no último dia"? Há duas respostas. Primeiro, entendendo último, não como o final de uma cronologia, mas como "eschaton". Então o último dia está sempre acontecendo. Não é um dado momento cronológico, mas a consumação da história pessoal e social (enquanto cada pessoa é social) que vai chegando à medida que as pessoas morrem. Solução barthiana. Do último de Deus somos equidistantes. Uma outra resposta vai na direção de conceder que esse "último" se refere ao final da história humana. Não é referente a Deus, mas a nós, como totalidade histórica. Mas mesmo assim, podemos dizer que a ressurreição de cada um de nós acabará de fato quando o último ser humano ressuscitar, por causa da comunhão de história que temos. Somos ainda incompletos enquanto alguém, ser humano e histórico como nós, estiver no "eon" não glorificado. Cada um só ressuscita em totalidade quando toda a história e o mundo estiverem glorificados. Por isso, pode-

mos aplicar à ressurreição a dialética do "já" e "ainda não". Ressuscitamos já na hora da morte e ainda não ressuscitamos. Já ressuscitamos no sentido de que o homem na sua unidade indissolúvel, inseparável, indestrutível de espírito-em-matéria e de matéria espiritual alcança uma plenitude. Não vai reunir-se a seu corpo no último dia. Nesse sentido, seu último dia já chegou. Ainda não ressuscitou e só ressuscitará no último dia, no sentido de que como ser humano social, histórico, visceralmente ligado ao mundo, só atingirá sua plenitude quando todo esse cosmos, essa história, todos os homens atingirem sua plenitude. Até lá irá participando do mundo já glorificado, mas que ainda não se completou.

Com isso, o esquema "ressurreição na hora da morte" crê dar conta de todos os dados centrais da fé. Outras questões menores, como referentes ao culto dos mortos, às indulgências, à originalidade da Assunção de Maria, também encontrariam soluções. Para não alongarmos, não entraremos nessas questões.

Como estão hoje as discussões teológicas, tenho a impressão de que ambos os esquemas têm dado conta suficiente dos dados teológicos. Há, por outro lado, uma questão pastoral. Que esquema favorece mais a vida cristã? Que esquema permite ao fiel identificar sua fé na ressurreição dos mortos?

Esta pergunta não pode ser respondida a partir de uma simples reflexão teórica. Nasce a resposta, de onde nasce a pergunta: da prática pastoral.

A Carta da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé crê, a partir dos dados pastorais de que dispõe, provavelmente através do contato com os bispos em suas visitas periódicas a Roma, que ainda existe mesmo nas igrejas de países desenvolvidos amplas camadas de fiéis que se desorientam com a mudança do esquema interpretativo.

Pastoralmente uma resposta não deve preceder à pergunta. Pois, quem não percebe o quadro em que se faz a pergunta, sentir-se-á desorientado com uma resposta não esperada. Nos meios culturais, em que a pergunta antropológica evolucionista já é um dado corrente, incontrolado, a resposta tradicional da "alma separada", mesmo em suas últimas explicitações²², parece não satisfazer. Nesse caso, o esforço do esquema interpretativo "ressurreição na morte" pode ser válida contribuição para a fé desses fiéis. Do ponto de vista estritamente teológico, ambos os esquemas parecem satisfazer às exigências da fé. A sua validade está antes relacionada com a antropologia vigente entre os fiéis. Para muitos, ainda o esquema da alma separada responde à sua pergunta fun-

(22) J. RATZINGER, Card., *Entre a Morte e Ressurreição*, em: *Communio*. Rev. Intern. católica de cultura, ed. bras., 1(1982) n. 1, pp. 67-86.

damental do homem. Podem mesmo perturbar-se com outra resposta. Há, porém, outros que esbarram irreconciliavelmente com a dificuldade de entender o esquema da alma, já que se impregnaram de uma antropologia evolucionista. Para eles então, o marco teórico da "ressurreição na morte" responde, sem que com isso percam algum dado fundamental da fé.

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS DE UM TEÓLOGO DA PERIFERIA

Interesse relativo do quadro iluminista

A discussão sobre a validade dos esquemas interpretativos "alma separada" e "ressurreição na morte" é tipicamente "iluminista". Surge e responde à problemática das classes letradas que fizeram a revolução cartesiano-kantiana, para as quais as questões levantadas pelas ciências e pelas filosofias modernas atingem o coração da fé. Os fiéis nesses ambientes se sentem questionados na sua fé pelos problemas científicos, filosóficos, pelo menos na sua forma vulgarizada. Programas de TV levam ao ar interrogações novas para os fiéis cristãos a partir de informações vulgarizadas sobre problemas culturais. Além disso, nas Escolas e sobretudo nas Universidades, os professores com a maior naturalidade expõem posições, extremamente críticas aos ensinamentos tradicionais da fé, sobretudo em relação à Escatologia.

O teólogo da periferia dos países pobres encara essa problemática com certa reserva. Não que não seja necessário pastoralmente em vista da honestidade intelectual do fiel. Em nossas plagas, ainda que em número proporcionalmente muito menor há também círculos hoje já amplos de cristãos com a mesma problemática. A reserva se refere à relevância de tais discussões diante da urgência de outros problemas. Assim, depois de passar todo um dia com as comunidades eclesiais de base discutindo o problema da fé e compromisso social, o tipo de Igreja que deveríamos desenvolver, encontrei-me na noite com um grupo de cursilhistas, na maioria médicos. O problema central da discussão foi sobre a alma, sua separação ou não do corpo na hora da morte, etc... Saí questionando-me se tais discussões não poderiam funcionar como compensações para profissionais cristãos, que se encontram numa sociedade de extrema injustiça e gozam de muitos privilégios. Há todo um grave problema da comercialização, da exploração da medicina em cima da doença de amplas camadas pobres — e por isso muito doentes — que nem aflorou. Enquanto isso se passam horas com altas discussões intelectuais sobre "alma separada" ou "ressurreição na morte", que não trazem nenhuma consequência de compromisso para sua vida de médico no Ter-

ceiro Mundo. E quando essas questões são lançadas sem tato pastoral em meios populares, terminam por confundir o povo e perturbar-lhe a fé comprometida com a situação em que vivem.

Esquema da "alma separada" num contexto animista

A Carta da Congregação para a Doutrina da Fé insiste na importância do suporte lingüístico da palavra "alma" para a fé. Entre nós, máxime nas regiões de forte influência africana, essa recomendação deve ser matizada. Antes pelo contrário, o suporte lingüístico "alma" pode induzir a posições animistas incompatíveis com a fé cristã.

Atribui-se nesses ambientes um excessivo poder à "alma separada". E os próprios ritos fúnebres são freqüentemente entendidos magicamente. Os fiéis se vêem facilmente estabelecendo relacionamento com as almas, em múltiplos contatos de parte a parte. As almas interferem em nosso mundo e nós, por nossa parte, também influenciemos na situação das almas. Por isso, uma fidelidade material ao ensinamento sobre a "alma" pode ser contraproducente. Impõem-se lucidez e discernimento pastoral.

Ressurreição e o corpo da exploração

De uma atitude de desprezo do corpo, que encontrou na ascese cristã um reforço, passou-se nos países desenvolvidos, por força da influência de pensadores existencialistas, de H. Marcuse, de W. Reich, e de tantos outros defensores da libertação corporal, a um culto crescente do corpo. Nesses ambientes, o dogma da ressurreição dos corpos perde muito de sua força profética. Antes, pode ser cooptado para dentro de uma visão naturalista.

Bem diferente é a situação em nossos países periféricos. O corpo da maioria de nosso povo é explorado como mão-de-obra barata. As transnacionais implantam-se vigorosamente, em grande parte, para aproveitar-se dos salários baixos, da superexploração da mão-de-obra. Corpo gasto rapidamente. Cedo envelhecido. Morre antes de tempo²³.

O artigo de fé da ressurreição dos corpos, seja na sua interpretação tradicional no final dos tempos, seja na versão moderna na hora da morte, soa como anúncio de esperança. Este corpo cansado da luta pela sobrevivência, consumido no trabalho para sustentar a família, pisoteado pela repressão nas batalhas por melhores condições de vida para si e para sua classe, eternizará em glória tanto sofrimento e luta. A ressur-

(23) G. GUTIÉRREZ, *La Fuerza histórica de los pobres*, CEP, Lima 1979, pp. 134ss.

reição é o dogma da esperança, da motivação, da coragem, do compromisso com a vida através da entrega do corpo pelos outros.

Glorificação da história

Nos países centrais e desenvolvidos, desenvolve-se uma concepção de mundo como "um incrível potencial e campo material, confiado ao homem, para que ele o molde conforme seus objetivos e projetos e o submeta ao seu impulso de felicidade"²⁴. Bem diferente, vêem-no os habitantes pobres ao sul do equador. Em vez desse lirismo triunfalista, sentem o mundo no seu aspecto material, de terra, de recursos, de riqueza, que lhes são negados, de que são privados. Mundo de cativo. Por isso mesmo, que o mundo assume outro sentido. O mundo é a história de libertação a que se sentem chamados a criar com suas lutas, esforços, reivindicações, organizações populares, comunidades de base, fraternidade na ajuda.

A ressurreição dos mortos é extremamente significativa para tais cristãos. Pois cada irmão que morre na luta libertária, eternaliza em si aquela realidade histórica de libertação, de que nenhum opressor poderá despojá-lo. Assim Oscar Romero, arcebispo de El Salvador, ao cair vítima de bala assassina, em extremo gesto de oferta pelos pobres, pela libertação de seu povo e continente dominado, explorado e oprimido, eternaliza toda a história que ele até então tinha construído. Este pedaço de história já está glorificado e pertence à eterna grande história da libertação, que será a felicidade dos que ainda estamos na luta. Nenhum opressor dispõe dessa história glorificada pela morte de seus construtores. Ela já pertencem à eternidade de Deus. Assim tantos outros irmãos nossos — aos milhares, aos milhões — que morreram nessa luta de libertação já constituem maravilhosa história glorificada, eternalizada, "resuscitada", pois já pertencem ao "eschaton", ao reino de Deus definitivo.

Última conclusão

O dogma da "ressurreição dos mortos" não pode desgastar-se em polêmicas intelectuais tipicamente iluministas. Ele é por excelência o dogma da esperança. Precisa ser devolvido na sua pureza primigênia sobretudo aos pobres, cujos corpos são machucados, massacrados ou imolados na luta. A certeza de que cada corpo que cai por amor ao irmão re-

(24) G. GRESHAKE — G. LOHFINK, *Naherwartung. Auferstehung. Unsterblichkeit* (Quaest. Disp. n. 71), Herder, Freiburg-Basel-Wien 1978, 3ª ed., p. 23.

cebe a imortalidade de Deus. Sua história se eternaliza para a felicidade de todos que participaram, participam e participarão dessa mesma causa de fraternidade libertadora.

João Batista Libânio S.J. é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (Belo Horizonte, MG). Entre suas obras, destaquem-se: *Pecado e opção fundamental*, 1975; *Evangelização e libertação*, 1975; *As grandes rupturas sócio-culturais e eclesiais*, 1980; *Pastoral numa sociedade de conflitos*, 1982 (todos pela Ed. Vozes, Petrópolis); *A volta à grande disciplina*, Ed. Loyola, São Paulo 1983. No prelo: *Fé e Política* (Coleção "Fé e realidade" 17), Ed. Loyola, São Paulo 1985. Em preparação: *O Novo Céu e a Nova Terra. Estudo sobre a Escatologia Cristã*, escrito em conjunto com Maria Clara L. Bingemer, a ser publicado pela Ed. Vozes, Petrópolis.

Endereço: Caixa Postal 5047 (Venda Nova) - 30000 Belo Horizonte - MG